

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 9 — VOL. III.

Sabbado 5 de Março de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — O lago Titi — Esboço sobre a litteratura ingleza, continuação — O leão — A quinta das Laranjeiras — A ultima tentativa dos hollandezes contra a cidade da Bahia — O cerco de Celorio pelo infante D. Alfonso — Alva Estrella, continuação — Cancão da comedia-drama as Brasileiras. GRAVURAS: — O lago Titi — O leão — Entrada da quinta das Laranjeiras do lado da estrada de Bemica — Cidade de S. Salvador da Bahia.

Historia da actualidade.

Na semana passada deu o senhor Ferreira d'Almeida um esplendido baile *costumé*, brilhantissimo pela concorrência, e variedade de trajes que ali se apresentaram.

— Na cidade do Funchal, que já conta uns poucos de jornaes politicos, vão publicar-se mais dois, o *Funchalense* e a *Sentinella*.

— A camara municipal da Villa da Praia da Victoria foi dissolvida a pedido de alguns dos seus membros.

— O theatro de D. Fernando poz em scena esta semana uma segunda opera, intitulada *Pipelet*.

— Diz-se que o nosso distincto actor Taborda vae ao Brazil no proximo mez d'Abri.

— Principiou a publicar-se em Oviedo um jornal que tem por titulo *El Invierno*, collaborado por cento e cinco estudantes.

— Em Milão são continuas as provocações entre o povo e os soldados austriacos, do que tem resultado consecutivas desordens.

— Consta que continuarão a fazer a guarnição de Roma tropas francezas e austriacas, e que vão ser enviadas ás legações tropas hespanholas.

— Resentiram-se os fundos publicos em Paris das noticias bellicas enviadas da Austria.

— A Romelia está agitada.

— Chegou ao Tejo uma esquadra hollandeza, composta de seis embarcações.

— Na segunda feira tentou um individuo suicidar-se afogando-se no Tejo. Um catraeiro teve a felicidade de salvá-o.

— O *Siècle*, jornal francez, faz a tiragem diaria de trinta e seis mil exemplares.

— O senhor D. José d'Almada escreveu para o theatro do Gymnasio uma nova comedia intitulada *Um contracto amargurado*, parodia á opera *Semiramis*.

— O senhor Guilherme Cossoul, um dos nossos talentos musicaes, foi agraciado por sua magestade com o habito da Conceição, e presenteado pelo senhor infante D. Luiz com a respectiva insignia.

— Uma fabrica de productos chymicos que ha no Porto, principiou a preparar lacre, que affirmam os jornaes ser de boa qualidade.

— Falla-se em mudança no pessoal diplomatico da Prussia.

— Corre noticia de que o governo rejeitou a proposta do senhor Figueiredo para a futura empresa de S. Carlos.

— Leu-se no theatro de D. Maria II um drama original do senhor Cesar de Vasconcellos.

— O general Ferreira, que foi chamado a Lisboa para se encarregar da pasta da guerra, regressou para o Porto na segunda feira d'esta semana, recusando o encargo da referida pasta.

— Publicou-se no *Diario do Governo*, pela mordomia-mór, um decreto estabelecendo os uniformes dos fidalgos cavalleiros da casa real.

— O rei de Sardenha concedeu ao principe imperial de Franca com o collocar da ordem da Annunciada.

— O imperador Napoleão recebeu uma carta autographa da rainha Victoria, em resposta á que por causa da questão de Italia lhe havia ultimamente dirigido o chefe da nação franceza. Diz-se que o imperador se compromettu a se não involver na guerra de Italia, se o Piemonte provocar a Austria.

— Corre noticia de que o senhor visconde de Sá se retira para a sua casa de Santarem, em consequencia do mau estado da sua saude.

— O barão de Rothschild tomou finalmente assento na camara dos communs de Inglaterra, no dia 16 do mez passado.

— Trabalha-se com muita actividade nas fortificações de Alexandria.

— Em Constantinopola falla-se de modificação ministerial.

— Janina está agitada.



O lago Titi.

Escolhe para esposa mulher, que seja docil, prudente, activa, e honesta; embora não seja nobre, nem rica, nem bella.

O lago Titi.

Tendo passado o Höellenthal, e atravessado o Höellensteig, chega-se, pelo meio de um paiz rico e abundante, ás margens do lago Titi. Não se pode imaginar nada mais seductor que este bello lençol d'água limpida, encaxilhado a este e oeste em collinas cobertas d'azinheiras, abetos, betulas e arvores de fructo; ao sudoeste e norte em altas montanhas dominadas pelo Feldberg, o gigante da Floresta Negra, cujo cume, quasi sempre coberto de neve, se eleva a mil quinhentos e cincoenta metros acima do nivel do mar. Ao sul do lago, verdjeantes prados descem suavemente até ás suas aguas. O campo é aprazível e perfeitamente cultivado: uma estrada, que o atravessa, conduz a Neustadt, encantadora cidade industrial, onde se fabrica parte dos curiosos productos que os *touristas* guardam como recordações da Floresta Negra.

Esboço sobre a litteratura ingleza.

Continuação.

GEOFFREY CHAUCER.

Filho de Thomaz Chaucer, negociante de Londres, nasceu n'esta cidade em 1328. Foi o pae da poesia ingleza; o primeiro que usou das regras e medição, e modificou os asperos termos saxonios fazendo uma linguagem suave, e introduzindo-lhe grande copia de palavras estrangeiras. Acabou os estudos em Paris, e parece que ao regressar á patria se applicara a juriconsulto. Em 1359 seguiu Eduardo III na guerra que este monarcha teve com a França. No cerco de Retters ficou prisioneiro, e só foi livre ao terminarem as hostilidades. Na idade de trinta e tres annos serviu o emprego de *scutifer*; em 1374 foi nomeado fiscal dos direitos sobre a lã, etc.; vindo por este tempo o poeta a possuir uma renda annual de mil libras, que chegou nos ultimos tres annos do reinado de Eduardo III a quatro mil e setecentas libras. N'este tempo de prosperidade é que as melhores satyras e poesias foram escriptas. Foi nomeado para varias missões diplomaticas, ao continente em 1370, a Genova em 1372, em 1378 a França, e em Maio do mesmo anno, junto com sir Edward Berkley, á Lombardia. Negociou sempre de maneira tão satisfactoria, que a cada passo se elevava no conceito do rei. O duque de Lancashire era o principal protector do poeta; mas perdendo por algum tempo a influencia que tinha na corte, veio Chaucer, pelas intrigas dos invejosos, a descair do real agrado; sendo-lhe forçoso sair da terra natal, desterrando-se voluntariamente para uma das ilhas do mar Baltico. Esteve no exilio dezoito mezes, sendo obrigado pela miséria, tendo-se-lhe exaurido os meios pecuniarios, e negando-lhe os correspondentes de Inglaterra as remessas, a pôr-se á mercê de seus inimigos, que o encarceraram na torre de Londres.

Aqui é que a musa, sua fiel companheira, nunca o abandonou. No *Testament of Love* arrebatava-o, ora em trechos maviosos, ora pungentes e mordazes, fazendo tremer seus inimigos com a força da eloquencia. Quando o duque, vencendo os obstaculos, pôde libertar o poeta, era já tarde; curto tempo gosou dos beneficios que o rei então lhe prodigalisava. Falleceu no dia 25 de Outubro de 1400 em consequencia das grandes fadigas e trabalhos que havia soffrido.

As suas principaes obras foram: *Book of Fame* (Livro da Fama); *Testament of Love* (Testamento d'amor); *Conclusions of the Astrolabe* (Conclusões sobre o Astrolábio); *Cantebury Tales* (Contos de Cantebury) escriptos na idade de sessenta e cinco annos. E' n'esta ultima obra que pinta, com as mais vivas cores, os costumes e vicios da sociedade d'aquelle tempo, mostrando ser versado em muitas sciencias. Não merece Chaucer a censura que lhe faz Skinner, visto o estado em que antes d'elle jazia a lingua patria. Os louvores de Dryden são exagerados: a critica que se lhe tem feito sobre a obscenidade de alguns de seus versos é severa de mais, porque se encontra igualmente

(1) Do num. 7

em outros poetas, achando-se em alguns phrases que se devem perdoar, olhando para os costumes da epocha em que viveram; pelos quaes lhes era permitido, até perante pessoas reaes, exprimir livre de mais o que pensavam. Diz J. C. Muller, critico imparcial, referindo-se a Chaucer, que deve ser chamado poeta no significado mais amplo e honroso d'este termo.

A primeira edição de suas obras foi a de Caxton; a segunda, completa em um volume em folio, de W. Thynne, Londres 1542, e as seguintes em 1561, 1598, 1602, e a de Oxford em 1721.

Continua.

F. E. PAYANT.

O leão.

Não ha animal mais imponente e terrivel do que o leão, e tanto conhecimento elle tem da sua força, que o revela na mesma magestade dos seus actos. Aquelles suspiros e feros rugidos que lança; a altivez com que sempre traz erguida a cabeça; a moita de pellos que lhe termina a cauda; o pello aloirado; a longa juba que lhe guarnece a cabeça, pescoço e espaldas; as compridas garras com que de um golpe estripa um homem, ou esmigalha o craneo de um bufalo; os enormes dentes que lhe povoam a bocca, tudo contribue para o fazer terrivel, não só aos animaes, contra os quaes lucha, como tambem ao homem, que é rei da criação, e não o arreceia.

Ha bastantes seculos que o leão habitou a Europa, e devastou suas florestas; hoje a Asia e a Africa são as unicas paragens do velho mundo onde se encontra.

O romanos tinham o leão como symbolo da força; pois representavam esta na figura de um Hercules, com uma pelle d'aquelle animal pelos hombros. Nos sanguinolentos combates, e horriveis hecatombas dos circos d'estes povos, contavam-se estas feras ás quatrocentas e seiscentas de cada vez, se os historiadores latinos não exageram.

Lê-se n'um autor do seculo XVI que estes animaes são selvagens e prejudiciaes aos outros, dispostos á crueldade, devorando não só os outros animaes, mas tambem as pessoas. Ha-os em taes paragens que não temem assaltar duzentos homens a cavallo; e accommettem com tanto impeto os rebanhos, que os levam para as suas cavernas nos bosques. Os que habitam as montanhas frigidissimas são menos cruéis e ferozes, não se mostrando molestos para com as pessoas: os naturaes das regiões quentes são mais furiosos, e por isso mais temiveis os que existem entre Bona e Tunis.

Não obstante a ferocidade dos leões, os africanos conseguem reduzi-los a captivo. Por isso o Leão o Africano, na *Descrição da Ethiopia*, diz que quatro leões encadeados seguiam a corte do Prestes João durante suas excursões. Acrescenta candidamente que todos abriam passagem, deixando-lhes o campo livre. Representa tambem os leões de Jajura como animaes muito socegados, não fazendo mal a ninguém, e tão poltrões, que qualquer homem os afugentava com um pau.

No tempo de Leão o Africano, as tradições dos combates entre os homens e as feras, como espectaculos, recebidos dos romanos, não estavam ainda perdidas entre os arabes, pois se lê n'este autor uma passagem, que assim o testifica.

O leão caça a presa, já emboscando-se para a agarrar na passagem, precipitando-se sobre ella de um salto, e derrubando-a só com um golpe de garra; já percorrendo os campos para levantar a caça. Por isto na Persia vêem-se muitas vezes os leões, mesmo durante o dia, acordando de seu somno, espantarem rebanhos de javalis, e quando estes fogem em varias direcções, precipitam-se sobre os melhores, que immediatamente devoram. Na Africa é de noite que se entregam ás suas depredações, e chegam muitas vezes a arrebatam cavallos, bois, e outros animaes, á vista mesmo dos habitantes dos aduares.

Gerard, que é um celebre e moderno caçador de leões em Alger, expressa-se a respeito d'estes animaes nos seguintes termos:

«De ordinario é no fim de Janeiro que tem lugar a copula dos leões e das leões. A doença da

dentição faz morrer grande numero d'estas; e por isso os machos são mais numerosos que as fêmeas.

«Não é raro, pois, encontrar uma leão acompanhada de tres ou quatro pretendentes, ainda novos, combatendo-se encarnicadamente, até que a leão anojada de que os seus galantes se não estranquem por causa d'ella, os conduz ao covil de algum velho leão, cujo valor ella tenha podido apreciar, ouvindo-o rugir. Os namorados aventuram-se bravamente, chegando com a leão em presença do preferido rival.

«O resultado d'este encontro é infallível. Atacado pelos tres imprudentes, o velho leão recebe-os mui socegradamente; com a primeira abocanhadella estrangula um; ao segundo quebra alguma perna; e o mais feliz de todos é o terceiro, se acaso se retira do combate só com um olho de menos. Livre o campo, o nobre animal sacode bravamente a juba; e deita-se depois junto da leão, que, por primeiro penhor da sua afeição, lhe lambe as feridas que recebeu na pelega.

«Quando leões adultos se encontram no mesmo terreno, as coisas não passam então assim. Um arabe da tribu de Kesenna contou a um viajante o seguinte combate a que assistiu:

«Era na epocha do cio dos veados. Mohammed, grande caçador de animaes, estava, n'uma bella noite de luar, trepado a uma arvore, esperando a corça que vira andar por aquellas sitios em companhia de alguns veados. A arvore a que trepara estava plantada no meio de uma vasta clareira, junto a um caminho. Pela meia noite viu chegar uma leão seguida de um leão aloirado, e de famosa crina. A leão afastou-se do caminho, e veio deitar-se ao pé da arvore: o leão afastou-se da senda, e pareceu escutar. Mohammed ouviu então ao longe um rugido, que apenas se distinguia, ao qual, porém, logo a leão correspondeu. O leão loiro rugiu tão forte, que o caçador assustado deixou cair a espingarda para melhor se agarrar aos ramos, e não cair tambem.

«A proporção que o animal que rugira ao longe se aproximava, a leão rugia mais fortemente, e o leão furioso, ora avançava, ora retrocedia para o pé da fêmea, como se quizesse impor-lhe silencio. D'esta avançada outra vez para o caminho, como dizendo: Embora venha!

«Passou uma hora, e appareceu um leão preto na extremidade da clareira. A leão levantou-se para ir ter com elle; porém o leão, conhecendo-lhe o intento, avançou contra o rival. Agacharam-se ambos rastejando a barriga pelo chão; depois armaram o pulo ao mesmo tempo um contra o outro, e rolaram arcados sobre a herva para nunca mais se levantarem. A lucha foi longa, e penosa para a testemunha involuntaria d'aquelle duello.

«No principio da acção a leão deitou-se, e aguardou assim que o combate terminasse; depois foi fazer os dois leões que estavam mortos, e abalou d'aquelle sitio.

«Este exemplo de infidelidade conjugal da leão, dá-se em todas. Primeiro procuram ellas um adulto que as livre dos leões novos, cujas caricias aborrecem; mas quando se apresenta um leão mais forte pode ter a certeza de ser bem recebido.

«Não acontece assim com o macho, que nunca deixa a fêmea, e lhe dedica afeição e cuidados, dignos de melhor correspondencia.

«Quando o par leonino sae do covil, é sempre a leão que caminha na frente. Quando ella pára, o leão pára tambem. Chegando porém ao pé d'algum aduar, que tenha de lhes fornecer sustento, a fêmea deita-se, e o leão lança-se bravamente no parque para lhe trazer o que encontra de mais mimoso. Vê-a então comer; no que dá mostras do contente, velando para que ella não seja perturbada; e, pelo que lhe respeita, não trata de matar a fome senão quando a companheira está saciada. N'uma palavra, não ha ternura que não sinta por ella durante a estação dos amores, e cria dos filhos.

«Quando a leão conhece que chegou a hora do parto (o que tem lugar por fins de Dezembro, ou principios de Janeiro) procura uma cova aberta pela enxurrada das aguas, impenetravel e isolada, para ali ter a sua progenie.

«As crias variam de uma a tres, conforme a idade e forças das leões; o geral é serem duas; um macho, e uma fêmea.

«Nos primeiros dias que se seguem ao nascimento dos leõesinhos, a mãe nem um momento os abandona, e o paé é quem provê a todas as necessidades. Só quando os filhos tem tres mezes de idade, e se passa a dentição, mortal para grande numero de fêmeas, é que a mãe os desmama, afastando-se d'elles diariamente algumas horas, e alimentando-os com carne de carneiro cuidadosamente mastigada, e partida em pequenos pedaços.

«O leão, que é de caracter mui grave quando adulto, não gosta então de ficar ao pé dos filhos, cujos brinquedos lhe aborrecem. Para viver pois tranquillamente, procura um covil na visinhança, mas não longe, afim de socorrer a familia em caso de necessidade.

«Na idade de quatro para cinco mezes, os leõesinhos seguem já a mãe, de noite, até ao bosque, onde o leão lhes leva de comer.

«Aos seis mezes, em noite bem escura, toda a familia muda de covil; e desde então, até o momento em que ella tem de se separar para sempre, os pequenos viajam constantemente. Dos oito mezes até um anno, principiam elles a assaltar os rebanhos de carneiros e cabras, que no decurso do dia lhe andam pela visinhança da morada. Algumas vezes atacam os bois; mas são ainda tão desastrados, que ás vezes ha dez bois feridos por cada um que matam, e o paé é obrigado a intervir na lucta.

«Só na idade de dois annos é que os leões novos sabem estrangular um cavallo, um boi, ou camello, do primeiro salto ás guelas, e pular as palissadas, de dois metros de altura, que defendem os aduares.

«Este periodo de um para dois annos é verdadeiramente ruinoso para as povoações; porque não matam só para se sustentarem, mas tambem para aprenderem a matar.

«No terceiro anno separam-se então os filhos, e tratam de se formar em casas. Os paes, para não ficarem sózinhos, substituem aquelles por nova geração.

«Os leões são adultos só aos oito annos. N'essa idade tem adquirido toda a sua força e vigor; e o macho, que é um terço maior do que a fêmea, tem n'essa epoca completa a sua juba.

«Em Argel ha tres especies de leões: o negro, o loiro, e o pardo.

«O leão negro, muito mais raro do que os outros dois, é mais pequeno, porém mais forte de cabeça, rins, e pernas. A juba, que é negra, comprida, e espessa, dá-lhe terrivel aspecto. Os arabes temem esta especie muito mais do que as outras. Em logar do leão negro viajar como os outros, procura um covil, e ali fica trinta annos. Raras vezes desce á planicie para atacar os aduares; porém ao cair da tarde, quando os rebanhos deixam as montanhas, accommette-os, e mata quatro ou cinco rezes para lhes beber o sangue.

«No estio, que os dias são mais compridos, deixa o covil ao pôr do sol, e vem para a beira do caminho esperar o viajante ou camunheiro, que imprudentemente se demorou.

«Os leões pardos ou loiros differem entre si unicamente na cor da juba. São maiores, e menos reforçados do que o leão preto.»

Julgar-se-ha da força do leão pelas suas dimensões: os maiores tem dois metros e sessenta centímetros, a tres metros de comprimento; e um metro e trinta centímetros de altura; os mais pequenos, um metro e oitenta e cinco centímetros de comprimento, por um metro d'altura. Dos primeiros basta uma pancada com a cauda para derrubar um homem. A leão é um terço mais pequena do que o macho.

A quinta das Laranjeiras.

Não ha certamente em Lisboa sitio algum mais conhecido dos estrangeiros, que apontam ao Tejo, do que a magnifica propriedade do senhor conde do Farrobo, essa formosa quinta das Laranjeiras, não menos popular entre nós.

Deve-se a sua fundação ao primeiro barão de Quintella, paé do actual proprietario, que na segunda metade do seculo passado edificou o palacio, e plantou os jardins, bosques, e pomares da

quinta. Porém os grandes aformoseamentos, que constituiram esta residencia digna de um principe, são obra de seu filho, o senhor conde do Farrobo, e segundo barão de Quintella.

A estampa junta representa a entrada da quinta pelo lado da estrada de Bemfica. O sitio da estrada, onde se elevam esse bello portal e mirantes, chama-se Convalecencia, nome derivado do convento de Santo Antonio da Convalecencia, cujo templo lhe fica quasi fronteiro. O convento está ao presente transformado em uma casa particular.

Na parte da quinta opposta áquella entrada acham-se o palacio, e o theatro, fazendo frente aos jardins, a um espaço pateo, e á estrada das Laranjeiras. Esta parte é a entrada principal.

O palacio encerra uma rica collecção de quadros a oleo, de actores nacionaes e estrangeiros, e varios outros objectos d'arte. O theatro tem muita elegancia e riqueza. E' illuminado a gaz, e tem junto esplendidas salas de baile. Durante a primavera e principios do verão costumam-se dar n'este theatro representações regulares de operas italianas, de musica, e de comedias em francez, e em portuguez; sendo todas executadas por pessoas da familia, ou de amizade do senhor conde do Farrobo, que é um dos mais insignes actores, que n'elle representam.

N'esta residencia tem dado o seu illustre proprietario grandiosas funcções á familia real e á corte.

A quinta consta de extensas ruas de bosque; de jardins plantados segundo diferentes gostos; de uma bonita matta tendo no centro um lindo e pequeno chalet suizo; de mui ricas e formosas estufas; de lagos de diversos feitios e grandezas; de um amphitheatro de animaes ferozes; de viveiros de aves; de um labyrintho com um elegante pavilhão chinez, etc. Todos estes ornamentos são de muito bom gosto, e acham-se distribuidos com arte.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A ultima tentativa dos holandezes contra a cidade da Bahia.

Houve uma epoca, em que a estrella de Portugal refulgiu no horizonte politico do mundo mais luminosa e brilhante de que a de nenhuma outra nação. N'essa epoca sorriram-nos todas as glorias e felicidades, que um povo pode desejar nas suas mais elevadas aspirações.

Os nautas partidos do Tejo devassavam então todos os mares, e desvendavam as mais longinquas e incognitas regiões. O pavilhão das quinas tremulava victorioso ao mesmo tempo nas praias da America, nas costas da Africa, nas terras da Asia, e nas ilhas da Oceania. Os capitães portuguezes sujeitavam ao sceptro dos seus monarchas grandes nações, e poderosissimos reis. As Indias orientaes e occidentaes derramavam sem cessar em nossos cofres publicos o seu ouro, as suas pedras preciosas, e especiarías de subido valor. As artes e as letras, cultivadas por homens de genio, floresciaam e brilhavam com extraordinario lustre. Lisboa, tornando-se emporio universal, e trajando sumptuosas galas, ornou-se com a corôa de rainha das cidades europeas. E Portugal, por todos admirado e respeitado, viu os maiores potentados do mundo requestarem e disputarem a sua amizade e alliança.

Essa estrella tão refulgente precipitou-se um dia das alturas em que brilhava, e lá foi sumir-se e perder-se nos arcaes de Alcaerquivir!

Portugal viu-se de improviso de senhor feito escravo. O seu poder converteu-se em fraqueza; a sua gloria em opprobrio; e a admiração e respeito, que inspirava, em ascarneo e afrontas!

Apenas os exercitos de Philippe II de Castella, aproveitando-se do abatimento em que uma grande catastrophe nos lançou, conseguiram abafar no peito dos portuguezes o espirito de independencia, a França, a Inglaterra, e a Hollanda, desassombradas d'aquelle poder maritimo, que lhes embargava o dominio dos mares, caíram sobre as possessões de Portugal, como cae o abutre sobre o corpo prostrado e exanime.

Entretanto, essa lucta, em que estas tres pode-

rosas nações nos disputaram a posse do Brazil com tanta porfia e encarnicamento, deu para a historia portugueza algumas das mais gloriosas paginas, que a honram e ennobrecem.

O quadro das descobertas e conquistas d'el-rei D. Manuel foi, sem duvida, magnifico e maravilhoso. Era muito para admirar ver como um punhado de homens, partidos de um canto do globo, onde o valor militar formara um pequeno reino, ousava levar ás mais distantes regiões as armas victoriosas da sua patria. e a soberania do seu rei.

Mas era ainda mais admiravel o quadro d'aquella lucta, em que os portuguezes ostentaram com tamanha gloria a grandeza do seu amor de patria e a elevação do seu esforço e valor, quando não tinham na patria mãe que os protegesse, nem no soberano rei que os premiasse, nem na fortuna esperança que os alentasse; porque de todos, e de tudo pareciam quasi esquecidos e abandonados!

Custa a crer como havia força n'aquelles braços, valor e coragem n'aquelles peitos, e animo e perseverança n'aquelles corações, para sustentarem durante tantos annos, quasi que entregues aos seus proprios e unicos recursos, uma guerra tão desproporcionada, em que os francezes, inglezes, e holandezes, renovavam a cada momento as suas esquadras e os seus exercitos!

A cidade de S. Salvador da Bahia, então capital do Brazil, e as do Rio de Janeiro, de Pernambuco, e do Maranhão, tinham sido tomadas, a seu turno, pelas tropas d'aquellas tres nações, e reconquistadas pelo valor dos portuguezes, quando no dia 14 de Abril de 1638 se apresentou em frente da primeira d'estas cidades uma esquadra hollandeza de quarenta navios, trazendo a seu bordo sete mil e oitocentos soldados, capitaneados pelo principe Mauricio de Nassau.

A vista de tão grande poder lançou a consternação na cidade, que não esperava, pelas noticias recebidas pouco antes, ver tão cedo o inimigo diante de si, nem se achava apercebida para a defenza, que o caso demandava. A cidade da Bahia apenas dispunha de uma guarnição de dois mil e quinhentos soldados.

A armada inimiga lançou ferro em Tapagipe, de frente das capellas de Nossa Senhora da Escada e de S. Braz. Era um dos pontos mais fracos da costa, que os portuguezes não tinham podido defender. Os holandezes desembarcaram por tanto sem opposição, e immediatamente marcharam sobre a cidade.

Governava então o Brazil Pedro da Silva, que depois foi feito conde de S. Lourenço. Assim que este soube do desembarque do inimigo, mandou sair-lhe ao encontro a guarnição da praça. Mauricio de Nassau, vendo os movimentos dos contrarios, fez alto sobre umas eminencias visinhas da cidade. Os dois exercitos prepararam-se para combater.

Entretanto levantou-se questão no campo portuguez sobre a conveniencia e riscos de se entrar em batalha campal com forças tão inferiores ás do inimigo, occupando este, ainda além d'isso, uma posição tão vantajosa. Prevaleceu, pois, a opinião dos mais prudentes, e toda a guarnição tornou a entrar na cidade.

Amotinou-se o povo, quando viu recolher-se a tropa sem combate. Tomando a prudencia por covardia ou traição, exaltou-se irado ao ultimo ponto. Uns corriam a buscar armas, julgando que o inimigo já vinha a entrar na cidade. Outros dirigiam-se ás torres dos templos para tocar a rebate. Nas ruas tudo era tumulto; as pragas e vociferações dos mais valentes misturavam-se com os gritos e alaridos dos mais timidos, em confuso e pavoroso som. A desordem ia em augmento, e ameaçava perder a cidade, quando o seu governador, Duarte de Albuquerque, e o bispo, apparecendo no meio da multidão, e prometendo que a tropa sairia a combater o inimigo, conseguiram restabelecer a tranquillidade publica.

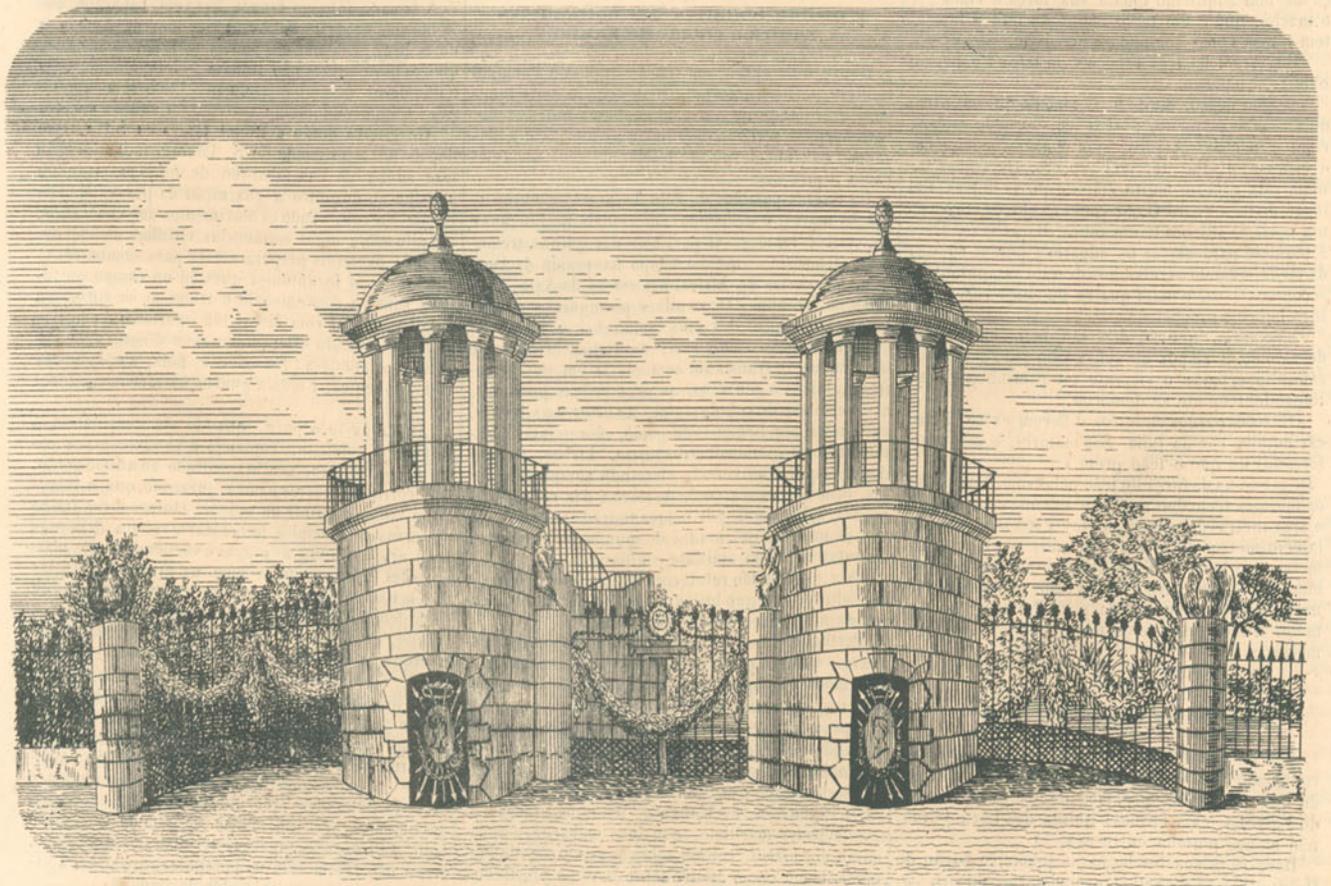
Com effeito ao romper da aurora saiu a guarnição, resolvida a tudo arriscar n'uma batalha. Afastou-se da praça uma legua, mas não encontrou o exercito hollandez, que durante a noite fizera um movimento, aproximando-se da cidade por outro lado. As tropas portuguezas recolheram-se de novo, e se o não fazem com tanta rapidez, achariam a cidade no seu regresso em poder do inimigo.

Continua.

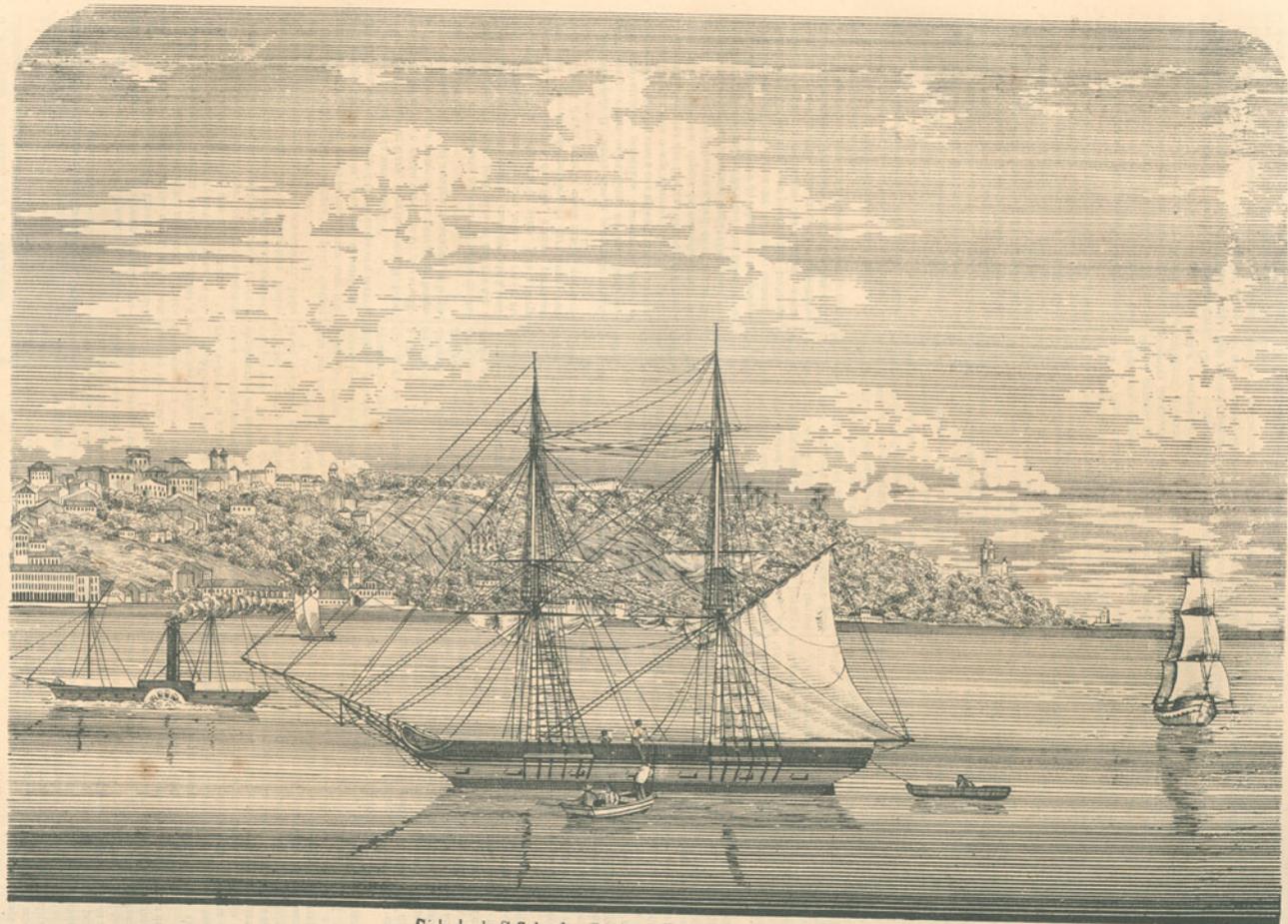
I. DE VILHENA BARBOSA.



O leão.



Entrada da quinta das Laranjeiras do lado da estrada de Bemfica.



Cidade de S. Salvador. Bahia de Todos os Santos (1ª vista)

Lendas nacionaes.

II

O CERCO DE CELORICO PELO INFANTE D. AFFONSO, CONDE DE BOLONHA.

Quando falleceu el-rei D. Affonso II em 1223, o infante D. Sancho, seu filho e successor, apenas contava dezeseis annos de idade. Eram annos bem curtos, sem duvida, para assim tão moço, e tão sem experiencia, reger uma monarchia nascente, que demandava prudencia e energia para se organizar e robustecer no interior, e esforço e vigor para se defender contra tantos inimigos que a cercavam.

Infelizmente nenhum d'aquelles dotes possuia o joven rei; uns eram incompativeis com a verdura da idade; aos outros eram contrarias a brandura do seu caracter e a mansidão da sua indole. Todavia dentro d'aquelle peito, tão fraco para rei, batia um coração fortissimo para amor.

O pobre Sancho, por desgraça do paiz, e ainda mais por sua desdita, amou perdidamente uma mulher apenas cingiu a corôa, com que os portuguezes fizeram rei em Campo d'Ourique ao seu bisavô, o glorioso fundador da monarchia.

D. Mecia Lopes de Haro, filha do conde D. Lopo, senhor de Biscaya, e então viuva de D. Alvaro Pires de Castro, era o nome d'essa peregrina formosura, a quem o moço rei rendeu o coração, a liberdade, e o throno.

D. Sancho era modesto no vestir; parco em todos os regalos da vida; bom para os amigos até á humildade; indulgente com os inimigos até á frouxidão; irresoluto e inactivo para todas as coisas até ao desleixo. Toda a energia da alma, toda a força do corpo, toda a acção da vida, enfim, pareciam ter-se-lhe concentrado no coração para amar com todas as forças d'elle aquelle rosto gentil, que o captivara.

Amando pois D. Mecia com a pureza de um primeiro amor, e com os extremos de uma louca paixão, sem attender conselhos, arrostando todas as opposições, deu-lhe com a sua mão o titulo de rainha, e repartiu com ella o seu throno.

As contrariedades dos fidalgos cresceram e tomaram vulto assustador depois do consorcio real. Ou porque o rei, de si já frouxo e facil de se deixar governar, entregou inteiramente aos devaneios da sua paixão, deixasse as redeas do estado nas mãos de valedignos indignos da confiança do soberano; ou porque os corteãos mal soffressem ter de render homenagem de vassallos áquella, que pouco antes tratavam como sua igual; a opposição dos fidalgos, a que veio juntar-se a do clero, não tardou a manifestar-se em rebellião aberta. E tremenda rebellião era esta, á qual o segundo d'aquelles elementos dava o caracter de autorizada e legal.

Exigindo do rei que se separasse da rainha, e annullasse o casamento; e o monarcha repellindo a exigencia com singular firmeza e indignação, rompeu a lucta entre o poder real de um lado, e a aristocracia e o clero do outro.

Seculo e meio mais tarde teria vencido o soberano, como venceu D. Fernando, conseguindo que a nação aceitasse por sua rainha a mulher que elle tinha tirado a seu marido, a intrigante, vingativa, e adúltera D. Leonor Telles. Porém então, em que a realza estava ainda tão proxima do seu berço; em que os braços, que a tinham creado e desinvolvido, se achavam ainda tão vigorosos e autorizados; e finalmente em que os summos pontifices dispunham tanto a seu bel-prazer das corôas dos monarchas, e da sorte dos povos; então ficou vencido o rei.

O papa Urbano III, que occupava n'essa epoca a cadeira de S. Pedro, cedendo ás sollicitações, que lhe iam de Portugal, exhortou primeiro D. Sancho a que cedesse; enviou depois um legado para o obrigar; e por fim fulminou-o com a excommunição, e a angou interdito em todo o reino.

D. Sancho, tão fraco, tão tímido, tão indeciso em todos os negocios do estado, era forte, audaz, e resolutivo na constancia do seu amor. Repelliu os nobres com coragem; resistiu ao clero com perseverança; e affrontou as iras do pontifice com firmeza. Luctou em quanto pôde, mas affim foi ven-

(*) A primeira é o castello d'Alcobaca.

cido n'essa lucta descommunal, onde tudo que significava poder estava levantado contra o infeliz monarcha.

Deposto do throno pelo papa Innocencio IV no concilio reunido na cidade de Lião, em França, no anno de 1245; e nomeado n'esse mesmo concilio para governador e regente de Portugal o infante D. Affonso, irmão de D. Sancho II, que n'esse tempo se achava casado com Mathilde, condessa de Bolonha; el-rei D. Sancho foi despojado da corôa, e expulso do reino, depois de muitos episodios, que não vem para aqui referir, como desnecessarios ao nosso assumpto.

D. Affonso, conde de Bolonha, entrou em Portugal, assumiu o governo, e exigiu dos alcaides-môres a entrega immediata dos seus castellos. Todos obedeceram ao mandado, por vontade ou por força, excepto dois, Martim de Freitas, e D. Fernando Rodrigues Pacheco, o primeiro alcaide-mór do castello de Coimbra, o segundo do de Celorico.

Estes corajosos servidores de D. Sancho II dearam um dos mais nobres exemplos de lealdade, que a historia geral dos povos commemora em suas paginas. Intimidados pelo regente para entregar seus castellos; instados por elle ora com ameaças, ora com promessas, estando já todo o reino na sua obediencia, e el-rei D. Sancho em Toledo resignado com a sua sorte, já sem esperanças de recobrar o throno; os dois alcaides-môres resistiam a todos os mandados de D. Affonso; e repulsaram com a mesma dignidade e altivez as ameaças e feros com que julgava intimidá-los; e as honras e oiro com que pretendia seduzi-los.

— Fizemos menagem d'estes castellos a D. Sancho, nosso rei, e senhor; (era a sua resposta constante) d'elle os houvemos para lh'os guardar e defender. Só a elle proprio, ou á sua ordem os entregaremos. Em quanto vivo fór, embora em terra estranha, e esbulhado do seu throno, será rei n'estes castellos, querendo Deus dar-nos vida e vigor, pois que nenhum temor humano nos fará mudar de resolução.

D. Affonso determinou então empregar a força para reduzir os dois castellos á sua obediencia. Junto grosso exercito, e foi em pessoa pôr cerco primariamente ao de Celorico, por ficar mais proximo da fronteira de Castella.

D. Fernando Rodrigues Pacheco preparou-se para uma resistencia porfiosa, para uma d'essas resistencias desesperadas, que devem necessariamente acabar pela morte ou pela victoria.

A força foi rechaçada pela força em duros combates, até que o valor dos sitiados esmoreceu de todo ante o esforço e coragem dos sitiados. Restava um unico recurso a D. Affonso; tomou-o. Estreitou o cerco o mais que pôde; e esperou vencer pela fome aos que não se rendiam pelas armas.

Os dias começaram então a correr para os do castello com extraordinaria rapidez, porque a todas as horas diminuam os mantimentos, e augmentavam as necessidades; fallciam as esperanças, e cresciam as angustias. A fome, que assim caminhava a passos vagarosos, como para fazer mais lenta aquella agonia, apresentou-se enfim com todos os horrores do seu aspecto descarnado e macilento.

A situação do alcaide-mór era na verdade a mais critica e penosa em que se podia ver o commandante de uma praça. Os preceitos de honra, de pundonor, e de lealdade, só para elle constituíam obrigação e dever. Os juramentos de preito e menagem pelo castello, só a elle diziam respeito, só a elle ligavam. Os sitiadores eram portuguezes, portuguez e successor da corôa o príncipe, que os capitaneava. E de mais, aquella defesa obstinada, sem esperança alguma de socorro, era absolutamente inutil para a causa do desafortunado Sancho.

Portanto, os perigos, privações, e sacrificios de todo o genero, a que se viam expostos os mais defensores do castello, soffriam-os estes com valor e coragem, unicamente para satisfazer o seu honrado e esforçado chefe.

Contra a fome, porém, não vale o esforço. Ante essa suprema necessidade da vida humana foge o valor mais ardente, desfallece a coragem mais provada, abala-se, enfraquece, e acaba a resignação mais christã!

D. Fernando Rodrigues, sollicitado vivamente pelos seus companheiros d'armas para entregar o castello;

instado por muitos nas ancias da mais extrema desesperação, addiava esse acto de dia para dia, de momento para momento; reconhecía a razão e justiça do pedido; determinava-se a satisfazê-lo, curvando-se ao poder inexoravel da sorte; mas quando chegava o instante decisivo, tornava a addiar, por que não se sentia com forças para tanto! A vida a seus olhos não tinha valia, mas a honra de leal cavalleiro, a fidelidade, que devia ao seu soberano como dividia a tantos respeitos sagrada, essas eram para elle tudo quanto na sua existencia achava de mais caro, e de mais valor!

As coisas chegaram, enfim, ao ultimo apuro. Os defensores do castello, já sem lhes importar consideração alguma d'amor ou de respeito para com o seu alcaide, resolveram n'uma tarde, já quando o sol estava prestes a occultar-se por detraz da derradeira serra, entregar definitivamente o castello na seguinte manhã, bom ou mau grado do seu chefe.

D. Fernando velou toda essa noite. A deshonra apresentava-se-lhe diante com um espectro atterrador! O coração apertava-se-lhe dolorosamente, e a imaginação dava-lhe tratos á alma em procura de um meio, que não descobria, para sair com honra de tão grave e afflictivo trance.

Ainda os primeiros arrebos da aurora mal começavam a recortar no horisonte as cumiadas das montanhas, já o alcaide-mór de Celorico passeava sózinho n'um dos terrados do seu castello. A expressão do seu rosto, e a agitação dos seus passos deixavam bem ajuizar da força da sua paixão, e da desordem dos seus pensamentos. O pobre D. Fernando estava no oratorio, como o condemnado; estava mesmo chegado ao momento solemne, em que devia soar-lhe aos ouvidos a hora fatal do supplicio!

Aquelle esforçado cavalleiro, que até ali não soubera o que era temor; aquella caracter de tão rija tempera, que nunca recuava ante os maiores perigos; aquella alma verdadeiramente grande, que sempre se vira superior á grandeza de qualquer fortuna; estava agora abatida, temerosa, e desvairada! Reunindo n'um derradeiro esforço todos os seus pensamentos para supplicar ao Creador em fervorosa oração, que se compadecesse da sua dôr, e houvesse d'elle misericórdia; ao erguer as mãos e os olhos para o ceo, viu uma aguia, que voando do lado do Mondego, que é perto d'ali, quando atravessava os ares por cima do castello, deixou cair uma coisa, que levava presa nas garras.

Esta vista instantanea mal lhe daria tempo de attentar no caso, se não viera d'improviso sobresaltado o baque de um corpo caído a pouca distancia d'elle. Voltou-se logo D. Fernando, e caminhou apressado ao sitio, onde sentira a queda. Uma grande truta, que ainda luctava com a morte, foi o que a aguia deixou cair sobre o terrado do castello. O alcaide, pegando no peixe, teve uma subita inspiração, que lhe trocou o desalento em esperança.

Corre com a truta nas mãos por todo o castello, junta-lhe os melhores e mais frescos peixes, que se poderam encontrar, e fazendo de tudo isto um bem preparado presente, envia-o ao infante D. Affonso, com o seguinte recado: «Que bem o poderia ter cercado quanto fosse sua mercê; mas que se por fome o esperava tomar, que visse, se os homens, que d'aquella vianda eram bem abastecidos, teriam razão de entregar-lhe contra sua honra o castello.»

O infante e os seus capitães ficaram pasmados ao ver semelhante offerenda, quando presumiam que os sitiados, já a braços com a fome, estavam em vespera de se render. O que mais os maravilhou foi a truta, tão fresca como quando se acaba de pescar. Estando certos, pela estreiteza do cerco, que pessoa alguma havia entrado no castello, concluíram d'abi, que dentro d'elle existia algum grande reservatorio com abundante viveiro de peixes de rio. O resultado d'este juizo foi levantar-se immediatamente o cerco, dirigindo-se o infante com as suas tropas para Coimbra, affim de sitiá-lo castello d'esta cidade.

Durante o assedio do castello de Coimbra, falleceu em Toledo o infeliz rei D. Sancho II. O intrepido e leal Martim de Freitas, ao chegar-lhe a triste nova, pediu e obteve do infante D. Affonso, que desse treguas ao castello, e a elle permissão

para ir a Toledo certificar-se com os seus próprios olhos da verdade da noticia.

Não cabe no quadro, que esboçamos, essa pathetica e edificante scena da lealdade portugueza, em que o fiel alcaide-mór de Coimbra, erguendo a tampa do sepulchro, depositou nas mãos enregeladas do finado monarcha as chaves do castello, que d'essas mesmas mãos havia recebido!

Bastará, pois, dizermos, que Martim de Freitas, apenas regressou ao seu castello, fez d'elle entrega ao infante, conde de Bolonha, que, pela morte de seu irmão, acabava de ser aclamado com o nome de D. Afonso III. E em seguida entregou D. Fernando Rodrigues Pacheco o castello de Celorico ao novo rei de Portugal, que teve a magnanimidade de galardoar os dois alcaides pela fidelidade, que souberam guardár aos seus juramentos, e ao seu soberano.

Para memoria d'este feito, reformou a villa de Celorico o seu brasão d'armas, collocando n'elle a aguija com a truta, pelo modo que mencionámos, em o numero antecedente, no artigo que acompanhava a estampa do respectivo brasão.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Alva Estrelia.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA VI.

D. MENDO, E OS ESCUDEIROS.

D. MENDO — Querem que me allumie o ceo. Tem razão talvez. Mas elles são cegos tambem.

ARCHIBALDO — Ouvistes, senhor?

D. MENDO — És tu, escudeiro?

ARCHIBALDO — Eu sou. Ouvistes?

D. MENDO — Ouvi: não ha remedio. É recorrer ao outro meio. Sabes?

SCENA VII.

O CAVALLEIRO OBLATO entra: PELAYO, que parece espectral-o, vae-lhe ao encontro: formam dois grupos distinctos.

CAVALLEIRO (a Pelayo) — Viste-a?

PELAYO — Vi; um momento só. Fez um gesto de espanto e recolheu-se.

D. MENDO (ao outro escudeiro) — Apareceu-te?

ARCHIBALDO — Apareceu; mostrou-se maravilhada, e sorriu-se.

PELAYO (ao Oblato) — Mas não sabes?

ARCHIBALDO (a D. Mendo) — Quereis saber?

PELAYO — Em quanto eu lhe contava aquellas trovas que me disstes ser o signal, ouvi outra voz que repetia a mesma toada e palavras...

ARCHIBALDO — O signal que me ensinastes, aquellas trovas que aprendestes do Oblato na Palestina, não as disse eu só: quando chegava esta vouta a cantal-as.

CAVALLEIRO — E depois?

D. MENDO — Que mais?

PELAYO — Obrigaram-me a dizer-lh'as.

ARCHIBALDO — As que lhe ouvi eram taes e quaes as que me ensinastes, de modo que...

PELAYO — Cantou elle uma parte da trova.

ARCHIBALDO — E eu outra parte.

CAVALLEIRO (depois de silencio) — Eu saberei o que é!

D. MENDO — Eu averiguarei isso. Aqui tens este anel...

CAVALLEIRO — Toma este relicario...

D. MENDO — Entra, e procura pela dona velha, Gonde-mar. Está toda a familia na capella, é boa occasião.

CAVALLEIRO — É boa occasião, estão todos na capella: entra e procura pela dona velha, Gonde-mar.

D. MENDO — Mostra-lhe o anel.

CAVALLEIRO — Apresenta-lhe o relicario.

D. MENDO — E diz-lhe... (falla-lhe ao ouvido).

CAVALLEIRO — Dir-lhe-has... (o mesmo).

D. MENDO — E á meia noite aqui.

CAVALLEIRO — Aqui no primeiro quarto da manhã. (sae cada um por seu lado).

SCENA VIII.

Os dois escudeiros ao partir encontram-se; recuam, reconhecem-se: gesto de espanto.

ARCHIBALDO — Pelos modos é sina nossa encontrar-nos hoje em tudo.

PELAYO — Assim parece.

ARCHIBALDO — A que vindes?

PELAYO — Mostar isto a certa aia velha!...

ARCHIBALDO — E eu isto a certa dona aia!... (encaram-se e riem).

PELAYO — Companheiro, boa fortuna!

ARCHIBALDO — Horas de Deus vos levem, companheiro! (entram).

Fim do 1.º acto.

ACTO II.

Ampla quadra nos aposentos das damas do alcaçar de Riba-Côa; peça octogona; structura severa e massiça; archivoltas abatidas, partindo de cada angulo, e cruzando-se ao meio. No fundo o oratorio fechado, e no interior lampadario de prata. Janellas á direita, portas á esquerda. Nos dois cantos do octogono que ladeiam o fundo, abrem-se duas galerias, que devem ser vistas pelo espectador, e que se perdem na distancia, ambas ellas de aspecto sumptuoso e grave. Alguns escabellos franjados de oiro. Uma amplissima cadeira esculpida, coberta com dozel pendente do tecto; de cada lado um braço de ferro saindo da parede, e sustentando cada um sua tocha de cera. São horas mortas da noite, arde apenas uma das tochas. N'um banco de pedra na galeria da direita, visto pelo espectador, mas ignorado dos actores, dorme D. Mendo.

SCENA I.

ALVA de pé, encostada ás espaldas da cadeira, triste e pensativa; GONDEMAR encruzada no chão, com a cabeça encostada a um escabello; D. MENDO na galeria. Ao levantar do panno, Alva vae á janella; observa para fora em silencio, e volta a tomar a posição acima indicada. Longa pausa.

ALVA — E dorme aquella!... Pode ella dormir, suspensa, como eu, á borda de um abismo! Dormir... Dormir pode, que lhe dorme o coração... Eu!... ai! eu não!... não me dorme... vive... torna a viver ao cabo de dezeseis annos... em febre de alvoroço e de susto, e de... Ousarei eu dizer-o agora? Está tudo prompto como n'outro tempo... a escada segura... as trevas pesadas... e mais pesadas ainda as que tenho cá dentro... Se meu pae... se meu irmão... se um d'elles acordasse agora, que seria de nós, nome de Deus!... E todavia estremeço... estremeço-me de jubilo... Como foi isto, Deus Senhor?... Parece-me impossivel ainda, (indo a Gonde-mar) Gonde-mar, minha ama Gonde-mar!

GONDEMAR (acordando) — Senhora... senhora minha... (erguendo-se) É o conde... é D. Castinaldo que ahí vem!

ALVA — Jesus, não!... não são, ama... Dormem... tenha-os a minha Santa Virgem bem longamente dormidos. Desculpa-me acordar-te, ama. Foi loucura... mas eu estou tão fora de mim ainda... Dize-me, viste-o?

GONDEMAR — Vi um escudeiro que me mostrou aquelle bento relicario, que lhe vós destes á partida... e o escudeiro...

ALVA — Era de certo o mesmo que me descantou de tarde as trovas de Sísando, o nosso antigo signal d'amor... Se soubesses, ama, se tu soubesses como eu fiquei ao escutar-as... Nunca mais as tinha ouvido... Tremia que nem varas... e uma torvação... uns relampagos nos olhos... Ai! ama, que se não morre de alegria. E que te disse, que te contou, que te perguntou o escudeiro?

GONDEMAR — Disse-me que vos entregasse da parte de seu amo o relicario.

ALVA — Tenho-o sobre o coração.

GONDEMAR — E que, passando da meia noite, o viria elle buscar do mesmo modo que o recebera, faz hoje dezeseis annos.

ALVA — A escada... a mesma escada... lá está presa á mesma janella... como ha dezeseis annos... Quem me havia de a mim dizer!... E não te perguntou mais nada?...

GONDEMAR — Este!... mais nada.

ALVA — Este!... pois veio outro, ama?

GONDEMAR (aparte) — Ai! Senhora da Conceição, o que eu ia dizendo!... (alto) Outro?... pois em que outro fallei? O Senhor crucificado me defende de... Credo!... O meu anjo da guarda me não guarde, se...

ALVA — Está bom, ama, está bom... É que te não tinha percebido... Se eu tenho estas idéas... Dize-me, e o escudeiro contou-te ácerca d'elle...

GONDEMAR — Nanja que eu ouvisses.

ALVA — Pois está bom, minha ama, perdoa-me estes cuidados que te eu dou... Julguei que estivessem acabados, e cuidei que ia acabar com elles... Mas Deus não quiz... e Deus que lhe permittiu voltar, é porque nos quer ajudar ainda. Tens sido minha amiga, e minha protectora; se não foras tu... Mas estás caindo, estás cansada... é muito tarde... Vae-te socegar... vae, anda, que o precisas... Deixa-me só...

GONDEMAR — Santa Maria de Sousa fique com vosco, minha senhora, e assim ella me ajude como eu vou para ali ao pé rezar por vós, e por aquelle bom senhor. (sae).

ALVA (acompanhando-a) — Reza, ama, reza, que hei mister de rezas.

GONDEMAR — Aquelle bom senhor... tão bom, e tão cortez, que... (perde-se-lhe a voz na distancia).

SCENA II.

ALVA, só.

ALVA — Que tamanha alegria que eu vou ter!... Tão grande é, e tão inesperada, que hei quasi terror d'ella... Deve de ter medo de ser feliz, quem tão desgraçada tem sido... Feliz!... ai! que felicidade esta!... assim cortada de penas e de sustos, que nem posso já dizer se é desgraça ou ventura... Não sei... tenho escuro o coração... nunca tremi assim... Se elles viessem matavam-me de certo, e matavam-no a elle, aqui diante de mim... ah! que horror! Imprudente!... Mas quem sabe se é elle?... Se isto fosse um engano... se fosse equivooco!... Jesus, como esta noite é longa!... O relicario e a trova... quem sabe... pode ser tanta coisa... se elle tiver acabado lá pela Palestina!... (cobre o rosto com as mãos. N'isto apparece á janella o cavalleiro Oblato: entra lentamente, vem ajoelhar-se-lhe aos pés) Não, não acabou... Sem'o tivessem morto... aqui o sinto... já eu não vivia tambem.

SCENA III.

ALVA E O CAVALLEIRO.

CAVALLEIRO — E podia elle acabar sem ver-te? (elevado e transportado).

ALVA (em brado de sobresalto) — Sísando! (mais baixo, lançando em roda um rago olhar de terror, e como comprimindo os impetos do seu jubilo) Meu Sísando! (atira-se-lhe ao pescoço; elle toma-a nos braços; erguem-se assim enlaçados, estreitam-se, afastam-se, contemplam-se por muito tempo, arrojam-se depois aos braços um do outro em silenciosos transportes).

ALVA — Não se morre de alegria, não... Bem o disse eu... não se morre, Sísando, que eu vejo-te e vivo!... (ajoelha) Bem haja a minha Santa Virgem que me amparou, e me fez viver para verte!

SÍSANDO (o mesmo de mãos dadas) — Bem haja ella; sim... que nos deu ainda este momento, que me paga de quanto hei soffrido, (com voz commovida) e esta hora de amor... como as horas antigas. (pausa; volta o rosto para esconder a suffocação que o toma) Da lembrança d'ellas eu tenho vivido até agora.

ALVA — E como tens vivido tu, Sísando?... Em angustias como eu!... receioso como eu!...

pensando que talvez a morte... ou... outro affecto...

SISNANDO—Não digas, não digas mais, senhora... Outro affecto... eu!... tu!... Pensaste isso, Alva?... Amor como o nosso não se parece com os outros amores... Pois veiu-te á idéa que podia morrer ás mãos da ausencia uma paixão nascida no proprio seio do odio? Amor tal, e tão estranho não more nunca... é semelhante á hera dos monumentos; quanto mais prosegue em annos, tanto mais firme se abraça com a pedra. Tu não sabes o que é este amor, Alva!

ALVA (*attonita*)—Não sei!... (*dolorosa*) E diz-me elle que não sei!... (*outro tom*) Como se podesse haver amor sem zelos.

SISNANDO — Pode... Se eu pensasse, como tu, que um affecto diferente... Não pensei nunca... não podia pensar-o... E se o pensasse... um de nós dois acabaria aos golpes d'essa desconfiança. Eu ou tu... não sei. Não pode haver amor sem zelos!... diz isso o vulgo!... Mas sabes?... almas ha tão diversas em tempera das outras almas, tão nobres, tão regtas, tão altivas, que não pôde entrar n'ellas o ciuime sem as arrasar para sempre... Desconfianças entre nós!... outro affecto eu!... Tu não pensaste isso, Alva!

ALVA — Tens razão: não pensei. Aquillo era á similhaça de um sonho... era um sonho... nem outra coisa podia ser... Quando aquelle sonho vinha importunar-me, sabes tu quem m'o affugentava? Era a imagem de nossa filha...

SISNANDO — Ai! Alva! que é de minha filha?

ALVA — Que de coisas que eu tenho para contar!

SISNANDO — D'ella?

ALVA — D'ella. Anda; vem sentar-te. Conversemos como d'antes. Lembras-te?

SISNANDO — E' um anjo, não? Era um anjo em pequenina.

ALVA — E é ainda.

SISNANDO — Hade ser. Não te recordas, Alva? (*Alva leva-o a sentar-se na cadeira de espartar, e senta-se-lhe quasi aos pés n'um estrado*) Quando teu pae, e teu irmão, e todos os teus se andavam lá pela curia do imperador...

ALVA — Se me recordo! Se isso não fóra não tivera conservado este segredo!

SISNANDO (*continuando*) — Quando iamos nós ambos a entrar em casa da boa Aldonça... junto aos salgueiros do rio...

ALVA — Como ella, a nossa Bertha, nos sorria do berço!...

SISNANDO — E quando eu a tomava ao collo, como me deitava os bracinhos brancos em roda do meu capello de malha.

ALVA — E como gostava de fazer tinir as correntes de ferro da tua espada.

SISNANDO (*em sobresalto*) — Que é d'ella, Alva? ALVA (*sorrindo*) — Quando foste para a terra santa estava ella em casa de Aldonça.

SISNANDO — E agora? Devia ter já ido abraçal-a.

ALVA — E não foste?

SISNANDO — Não fui. Quiz-te ver primeiro.

ALVA — Obrigada, meu nobre Sisnando. Eu sei que prova d'amor é essa!... Se fosses não a achavas.

SISNANDO — Morreu!... (*encara Alva*) Morreu Aldonça? Muitas vezes me lembrou por lá que podia vir a morte, e... Que dôr d'alma que era!

ALVA — Aldonça vive.

SISNANDO (*mais sobresaltado*) — Então que é feito de Bertha, mulher!

ALVA — Bertha...

SISNANDO — Dize.

ALVA (*sorrindo*) — Está...

SISNANDO — Onde?

ALVA — Está aqui.

SISNANDO — Aqui!... contigo!... aqui... Soube tudo teu pae!... Perdoou-te?

ALVA — Não me perdoava nunca... matava-me se o soubesse.

SISNANDO — Então porque?...

ALVA — Como os de Riba-Côa voltassem da curia, nunca mais me deixaram ir a casa de Aldonça; mas eu não podia passar sem ver a minha Bertha... Aldonça então doendo-se de mim, vinha de vez em quando ao alcaçar... e trazia-m'a. Viu-a meu pae, e perguntou quem era... Aldonça disse-

lhe que era filha de um triste burguez, que dera as suas contas n'um appellido contra moiros, e que a tomara ella pequenina por caridade... Meu pae compadecido pediu-lhe que lh'a deixasse, que elle lh'a crearia, e a trataria como sua... Eu nem podia fallar ao ver aquillo... Aldonça deixou-a... Meu pae entregou-m'a então para que eu cuidasse d'ella. Ah! Sisnando! que lagrimas que eu chorei aquelle dia!... Quando me deixaram só com a minha Bertha, o mais que pude fazer foi cair de joelhos a contemplar-a, e a agradecer ao ceo aquelle milagre!...

SISNANDO (*erguendo-se com Alva, depois de religioso silencio*) — Devemolo agradecer ambos a Deus, e recompensa do sangue que eu derramei em seu serviço. (*pausa*) Ella sabe quem são seus paes?

ALVA — Não sabe... E' segredo que nos pôde matar a ambos. Quiz antes... não quiz que ella nunca podesse correr perigo... No mais ama-me e respeita-me como se o soubesse... Pesa-me só vê-la triste e enleada ha tempos... São melancolias da mocidade que vem a passar... E agora, Sisnando, que hade ser d'ella, de mim, do nosso futuro?

SISNANDO — Não sei... espero e receio ao mesmo tempo... O dedo de Deus que anda n'isto, parece perdoar-nos esta culpa... se o nosso amor foi culpa.

ALVA — Ai! foi, Sisnando... mas eu não posso arrender-me.

SISNANDO — Foi de certo... mas o odio dos nossos, não nós, o fez culpado... Podia ser tão puro!... Agora... teu pae... teu irmão!... não sei... O meu voto acaba hoje... Bem sabes que voto foi... dezeseis annos e um dia na terra santa... Tinha querido por tí quebrar o homisio... Cumpria que a expiação durasse os annos que me haviam feito pecar... dezeseis eram os que tinha então... Acaba hoje... Faz hoje dezeseis annos que o sangue de Riba-Dão tingiu de manchas eternas os marmores da cathedral e a fama de teu pae.

ALVA — Oh! perdoalhe, perdoalhe, Sisnando! SISNANDO — Não sei se faço bem ou mal, mas tu bem vês que eu fallo n'isto com a espada na bainha... Esqueci-me de tudo a ponto de vir passar a primeira hora do voto findo debaixo d'estes tectos... Desconheço-me, Alva. Onde estão os projectos com que saltei das galés do cônde em terra?... Se me cegava esta anciedade de ver-te... Aqui... eu!... aqui?... em vez de ir beijar os degraus santos, onde ficou embebido o sangue dos martyres, meus irmãos... Se eu lá fosse, talvez aquella vista... e aquelle logar... e as lembranças d'elle... me tivessem feito mais digno de mim mesmo.

ALVA — Não, Sisnando, não. Deus que nos soprou a ambos n'alma este amor não quer que esses odios prevaleçam. Nascida do sangue de contrarios lá está aquelle anjo que ahí dorme (*indica o aposento*) para os fazer a todos amigos. Queres vê-la, Sisnando, queres ver a tua filha?

SISNANDO — Em que extremos estou posto, oh! Deus!...

ALVA — Vem... não a acordemos. Sisnando... vem vê-la. (*entram por um momento*).

Continua.

Canção da comedia-drama, As Brasileiras.

O Brazil é todo amores,
Flores, estrellas, primores,
No ceo, na terra e no mar.
E' berço de lindas fadas
Mais lindas que as decantadas
Em lendas d'estranho lar.

Tem no azul do ceo formoso
Marcado o lenho famoso,
Por signal de Redempção,
Por quatro estrellas brilhantes,
As mais puras, mais constantes
D'essa etherea região.

Mas não são essas estrellas
Nem essas flores tão bellas
O que a minh'alma prendeu!
Que me importa o que ha na terra
Quando o teu sorriso encerra
Mais que a terra, e mais que o ceo?!

Teus olhos são mais formosos,
Mais ternos, mais amorosos,
Do que as estrellas que vi.
Tua bocca é mais mimosa
Do que a mais fechada rosa
Que nos teus jardins colhi.

Teus sorrisos teem doçuras,
Que não pagam mil ternuras
Do mais terno coração!
Inspiram tanta poesia
Tanto amor... tanta harmonia
Que adormecem a razão!

Nos teus cabelos minh'alma
Prendera, se fóra palma,
Para o teu rosto adornar.
Adoro-te como se adora
A Virgem que o nauta implora
Nas procellas do alto mar!

Oh! patria dos meus amores...
Oh! lindo berço de flores,
Que do mar surgir eu vi;
Já não choro a terra qu'rida
D'ess'outra patria perdida,
Nem quanto n'ella perdi!

Que o Brazil é todo amores,
Flores, estrellas, primores,
No ceo, na terra, e no mar.
E' berço de lindas fadas,
Mais lindas que as decantadas
Em lendas d'estranho lar!

ALFREDO HOGAN.

Continua a relação dos professores a quem é remettida a *Illustração*, e a quem pedimos o favor de nol-a accusar recebida.

DISTRICTO DE COIMBRA.

Concelho de Pampilhosa.

III.ºs Srs.

Pampilhosa — José Nunes d'Almeida.

Dito de Penella.

Penella — Antonio Dias Corrêa da Silva.

Espinhal — Jeronymo Casimiro Quaresma.

Podentes — José Corrêa d'Aguilar.

Dito de Taboa.

Taboa — João Ignacio Esteves; Antonio Maria Gonçalves.

Midões — Bento Ignacio Duarte d'Almeida.

Oliveirinha — José Cupertino Madeira de Brito.

Dito de Mira.

Mira — Francisco Lourenço d'Assis Bingre.

DISTRICTO DE VIZEU.

Concelho d'Armamar.

Fontello — Antonio Pinto de Freitas.

Dito do Carregal.

Cabanas — José Rebello dos Santos.

Dito de Castro Daire.

Mões — José Rodrigues d'Oliveira.

Dito de Santa Comba Dão.

Freixedo — Antonio Paes de Loureiro.

Dito de S. João d'Arêas.

S. João d'Arêas — João Neves Duarte.

Dito de S. João da Pesqueira.

Soutello — Antonio Lopes de Sousa.

Dito de Lamego.

Penude — Joaquim Ignacio Ribeiro.

Dito de Mangualde.

Lobelhe — Mathias Pereira d'Oliveira.

Dito de Moimenta da Beira.

Leomil — José de Mattos Reimão Coutinho.

Dito de Mondim.

S. João de Tarouca — Francisco Xavier Pereira de Sá Figueiredo.

Dito de Mort'agua.

Marmelleira — Daniel Maria Coelho Varão.

Dito de Oliveira de Frades.

Cambra — Ricardo José Xavier da Veiga.

Dito de S. Pedro do Sul.

Banho — Antonio d'Almeida Morujão.

Continua.